

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(JAN-MAR)
2017
PP. 72-90.

EUROCENTRISMO DOS CLÁSSICOS EM ESTUDOS DA RELIGIÃO

LUIS PAULO DOS SANTOS DE CASTRO

Mestrando em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará (UEPA) e bolsista CAPES
prof.castro89@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende levantar uma reflexão através de uma abordagem histórica, sobre os aspectos eurocêntricos da produção científica presente nos estudos sobre religião, observando três obras clássicas de três autores muito influentes na área, Rudolf Otto, Mircea Eliade e Émile Durkheim. Não há aqui intenção de esgotar o assunto, apenas de dar início numa discussão crítica, principalmente nos aspectos que dizem respeito ao debate teórico sobre a religiosidade indígena e ou tradicional, que são alvos de classificações como “primitivo”, “selvagem” e “bárbaro”. Todas estas expressões foram encontradas nos textos dos autores estudados, sendo que este tipo de visão eurocêntrica é elementar na estrutura das teorias e hipóteses elaboradas por estes autores.

Palavras-chave: Eurocentrismo; Religião; Primitivo.

EUROCENTRISM OF RELIGIOUS STUDIES CLASSICS

ABSTRACT

This article aims to do a reflection through a historical approach of the eurocentric aspects of scientific production in religious studies, observing three classic works of three influential authors in

the field, Rudolf Otto, Mircea Eliade and Émile Durkheim. We don't intend to exhaust the subject, just start a critical discussion, especially in aspects about the theoretical debate of the indigenous and traditional religions, which were categorized as "primitive", "wild" and "barbarian". All of these ranks were founded in the texts of these authors, and this kind of eurocentric vision is the support of the theoretical structure and hypotheses developed by these authors.

Keywords: Eurocentric; Religion; Primitive.

Introdução

É possível encontrarmos rastros das expressões religiosas da humanidade em períodos de tempo muito recuados, muitas destas na arte rupestre e antigos templos monolíticos, estatuetas de barro, pedra e madeira, mas parece que até hoje conceituar religião é algo difícil e que pode gerar muitos problemas, como foi o famoso caso do Juiz Federal da 17ª Vara do Rio de Janeiro, que em 28 de Abril de 2014ⁱ argumentou que as religiões de matriz africana não eram consideradas religiões por não apresentarem um livro sagrado ou texto base, não cultuarem um deus e não possuírem hierarquia, portanto tornou indeferido o pedido do Ministério

Públicoⁱⁱ de retirar da internet vídeos ofensivos a estas religiões, mesmo depois de ser questionado e até procurado pela imprensa, o Juiz mudou sua justificativa no dia 20 de Maio de 2014, mas manteve a decisão, ou seja, os vídeos permaneceram na internet devido a liberdade de expressão prevista pelo Art. 5º da Constituição Federal de 1988. Porém existe a Lei 9.459/1997 que criminaliza a intolerância religiosa. Mas como estas Leis podem estar em harmonia? Pode-se criticar dogmas e religiões, mas existe uma grande diferença entre crítica e agressão, usar termos ofensivos torna este ato criminoso, extrapolando a liberdade de expressão.

São reflexões como esta que ajudam a sociedade, este é o dever da academia, os dados, hipóteses e conclusões devem extrapolar os muros das universidades e auxiliar em casos

como o exposto acima, mas para isso é necessário o pesquisador ou pesquisadora se desfazer de alguns paradigmas, começando pelo básico, refletir sobre os conceitos usados nas pesquisas.

Basicamente no período da história da Europa chamado de Renascimento e da expansão ultramarina, a carga ideológica religiosa europeia (cristianismo) dominou suas colônias ao redor do mundo. Já o iluminismo no século XVIII ganhou força sendo um momento cultural de pensamento desvinculado da Igreja Católica, esses esforços de racionalização para explicar a sociedade se destacaram com Thomas Hobbes, Voltaire, Rousseau e David Hume, além de Espinosa (DIX, 2007, p.14), mas será que seus pensamentos se afastaram dos paradigmas religiosos mesmo? Ou será que o homem europeu como o centro do mundo funciona como modelo explicativo da natureza, das culturas e religiões?

Muitos destes pensadores tentaram abordar algo que poderíamos chamar de “as origens do comportamento religioso” partindo de uma ideia de desenvolvimento linear das

religiões, refletindo sobre possíveis níveis de humanidade e compreensão do divino, partindo de uma ideia de desenvolvimento linear de *homem selvagem* politeísta para um *homem civilizado* monoteísta (VOLTAIRE, 2006, p. 293 e 444). Para tal, estes intelectuais estudaram muitos dos relatos de viajantes do período das grandes navegações entre os séculos XVI e XVIII (HUME, 2004, p. 24). Isso também se manifesta em obras literárias de ficção, políticas e científicas com o desenvolvimento da expansão imperialista europeia e do pensamento científico no século XIX. Diante disso, nota-se a carga eurocêntrica dos relatos de viajantes, missionários, filósofos e cientistas ao longo desses vários séculos, onde o homem selvagem se tornou um objeto basilar de observação para se entender o surgimento da sociedade, das religiões ou da religiosidade.

Partindo de tal observação esse artigo procura, em uma análise histórica, identificar o discurso eurocêntrico nos trabalhos de autores clássicos dos estudos das religiões. Neste caso, trabalharemos especificamente com três autores muito

citados em Ciências da Religião ou Ciências das Religiões, que são Émile Durkheim, Rudolf Otto e Mircea Eliade. Destacaremos as reflexões desses autores sobre a fundamentação ou origens das religiões e dos comportamentos religiosos; principalmente as observações a respeito dos povos indígenas e ou nativos/tradicionais de várias regiões do mundo. Desta forma, as reflexões deste trabalho irão debater aspectos de como se deve ter muito cuidado ao se utilizar as teorias e hipóteses elaboradas por estes autores tão renomados, observando as tendências culturais de cada autor.

Novo mundo e modernidade

Este tópico trata do desenrolar histórico do pensamento eurocêntrico. Primeiramente é necessário entender que todas as culturas são etnocêntricas; ou seja, acreditam possuir a melhor ou principal visão de mundo, que seus deuses são os verdadeiros, que seu sistema econômico e suas técnicas são as melhores. Para muitos autores como, Samir Amin e Anibal

Quijano, o *eurocentrismo* é um fenômeno mais complexo e amplo do que um simples *etnocentrismo*, este se caracterizaria como uma ideologia ou paradigma, uma estrutura de pensamento que estipula a superioridade da cultura europeia em relação às outras, e esta influenciaria o mundo todo devido ao colonialismo e imperialismo dos séculos XVI-XIX (BARBOSA, 2008, p. 46-47).

O período histórico da Europa do século XVI e XVII ficou conhecido como de grandes explorações para o Oriente (Ásia e África) e para o Novo Mundo (América), onde ocorreu o estabelecimento de rotas comerciais e desenvolvimento de um sistema econômico mercantilista e colonialista, como também serviu de expansão da palavra do deus cristão através dos missionários das diversas ordens da Igreja Católica.

A pesquisadora Laura de Mello e Souza (2003, p. 29) destaca que a época das grandes navegações e da conquistaⁱⁱⁱ da América, é caracterizada por uma religiosidade exacerbada, e também das utópicas buscas por terras ricas em ouro e especiarias, viagens repletas de monstros e aventuras. O

homem selvagem também não era tema novo, tendo suas raízes no Mundo Antigo, homens estes que seriam o inverso do cavaleiro europeu (Ibidem, p. 54). Este *homem selvagem* do imaginário medieval emprestou muito de suas características aos homens do Novo Mundo, os ameríndios.

Os ameríndios, devido a sua nudez, guerras e ritos antropofágicos^{iv}, vistos como canibalismo, foram considerados *selvagens* ou *bárbaros*, termo este oriundo da antiguidade clássica que classificava assim todo aquele que não conhecia o poder centralizado, não falava grego e não habitava a polis (cidade-estado grega), estas seriam características do *homem civilizado* (FREITAS, 2011, p.126). Foi sustentado por Platão e Aristóteles que gregos não deveriam escravizar gregos e sim os bárbaros quem deveriam por natureza servir (CANDIDO, 2010, p.10-12; SILVA, 2011, p. 01-02). O termo *bárbaro* era muito empregado pelos missionários no Novo Mundo, pois estes viam além das guerras e nudez dos indígenas, a adoração de ídolos, chamada muitas vezes de idolatria, isto tornava os

nativos adoradores do diabo cristão (VAINFAS, 1990, p. 52-53).

No século XVIII as ideias iluministas se espalharam e reverberaram na Europa e América. As elites ocidentais utilizaram muito da imagem da Roma clássica como paradigma para o desenvolvimento da educação, arquitetura e política; alguns trabalhos populares vitorianos sugeriam que os antigos romanos haviam deixado para os ingleses uma civilização diretamente engatilhada para o desenvolvimento do Estado Moderno Parlamentar (BARBOSA, 2007, p.1-2).

Grandes pensadores como, Voltaire, Rousseau, Kant, Hegel, Marx e outros, foram influenciados pelas leituras clássicas e dos seus contemporâneos, expressando assim em suas obras uma visão de mundo eurocêntrica, caracterizada por repulsa ou de inferiorização das sociedades indígenas, asiáticas e africanas, argumentando que estes não possuíam qualquer talento, beleza ou civilidade, muitas vezes suas religiões eram vistas como fetichistas. No século XIX, o grande filósofo alemão Hegel também inferiorizou os negros em todos os

níveis possíveis, além de concluir que estes não possuíam história ou relevância para a história da humanidade. Karl Marx compartilhava da ideia de progresso como um desenvolvimento natural linear, e que a Inglaterra, maior nação imperialista, estava realizando na Índia algo necessário, levar para a Ásia o *progresso* Ocidental (BARBOSA, 2008, p. 47; PRAXEDES, 2008, p. 2-4).

Do final do século XVIII ao XIX, uma vasta publicação de estudos sobre os diversos povos asiáticos e do norte da África se espalharam rapidamente entre a burguesia europeia. Estudos de filólogos, antropólogos, arqueólogos e obras literárias românticas que exaltavam viajantes em suas aventuras ao “Oriente misterioso”, a ponto de surgirem diversas cadeiras nas universidades sobre pesquisas no assunto (SAID, 1990, p.60-63). Nesta época muitas correntes de estudos das religiões do mundo ganharam destaque, principalmente nas linhas orientalistas, onde um grande expoente foi Max Muller, que publicou diversos trabalhos sobre as religiões asiáticas, como o budismo, bramismo e

taoismo, e foi um dos estudiosos que fundou os estudos comparativos das religiões, baseado em estudos linguísticos. A vasta produção de Muller influenciou diversos pesquisadores das religiões, um destes foi Edward Burnett Tylor, que desenvolveu seus estudos com base nas ideias de evolucionismo social (DIX, 2007, p. 15-16), o que posteriormente veio a influenciar outros pesquisadores como Max Weber, Rudolf Otto, Émile Durkheim, Marcel Mauss e Freud (Ibidem, p. 17).

A Revolução Industrial e o avanço científico em áreas como a física, matemática e biologia abriram novos horizontes literalmente falando, com a expansão de potências imperialistas como a França, a Holanda, a Inglaterra e a Alemanha para a Ásia, África e Américas. Os mercados se expandiam e a burguesia europeia tomava rumos antes nunca explorados em níveis de acumulo de bens e influência política (SILVA, 2010, p.12-13).

O positivismo de Auguste Comte pensava a ciência como o último passo de um progresso humano, pois estudos

antropológicos de grupos étnicos que viviam em comunidades de menor complexidade tecnológica, como os chamados aborígenes australianos que viviam como caçador-coletores, demonstravam a disparidade destas sociedade com o progresso material de sociedades industrializadas e ricas economicamente, assim pregava-se o positivismo científico e o *darwinismo social*, um *eurocentrismo* que se justificava na ciência e na nobreza, classificando tais grupos tradicionais como *selvagens* ou *primitivos* e que deveriam ser *civilizados*.

A Seleção Natural das Espécies aborda o desenvolvimento da diversidade das espécies que sobrevivem ou não em meio a mudanças do ambiente, os positivistas usaram do termo “evolução” num sentido progressista linear, se utilizando da ideia do antagonismo entre o *bárbaro* e *civilizado*, acreditando que os seres humanos possuíam uma origem cultural comum e que se desenvolveram na mesma direção, ou seja, da menor complexidade cultural para a maior (SCHWARZ, 1993, p.55-56).

Portanto, verifica-se que os discursos sobre humanidade, evolução e civilidade são antigos e possuem um padrão eurocêntrico forte, padrão esse que pretende-se identificar nos autores clássicos dos estudos das religiões, nos delimitando em apenas três obras clássicas nesta imensidão de intelectuais.

Os grandes teóricos

Partindo da contextualização exposta anteriormente, pode-se compreender que o processo de construção dos estudos das religiões foi muito dinâmico e polêmico, no sentido de se buscar uma definição sobre humanidade, diferenciando-se cultura de natureza, o que reverberou nas abordagens teóricas sobre as origens dos comportamentos religiosos. Desta forma destacam-se aqui três autores muito bem conhecidos e utilizados no meio acadêmico e não acadêmico, onde nem sempre há ressalvas históricas e teóricas sobre as condições epistemológicas que fertilizaram a

elaboração das teorias desses mesmos autores, Émile Durkheim, Rudolf Otto e Mircea Eliade. Para isto, analisaram-se obras de referências desses autores, juntamente com um breve contexto histórico em que viveram ao elaborarem tais estudos.

a) O teólogo e o sagrado

Rudolf Otto nasceu em 1869 ao Norte da Alemanha numa família protestante, doutorou-se em Teologia em 1898, tornando-se um acadêmico respeitado em estudos do cristianismo, mas também um amante de viagens, chegando a se interessar pelo hinduísmo em visita a Índia. Sua carreira passou pelos conflitos da Primeira Guerra Mundial, que foi muito destrutivo para a Alemanha.

Devido a uma série de enfermidades se aposentou em 1929, justamente no momento da grande crise econômica, vindo a falecer em 1937. Com uma formação acadêmica clássica e religiosa, o teólogo foi fortemente influenciado por

Platão, Lutero, Kant, Schleiermacher e Soderblom, seu amigo. Otto publicou *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*, em 1917, onde tentou abordar a religiosidade e a religião de uma forma fenomenológica, a partir de si mesma, elaborando assim conceitos como o *numinoso*.

Rudolf Otto fez uma crítica à racionalização das coisas ou racionalização do tudo, algo praticado na sua época, momento fortemente positivista. Desta forma, conceituou que a ideia de sagrado é algo complexo que evolui progressivamente começando pelo primordial e irracional que é o *numinoso*; é algo que pode causar terror e êxtase, que possui estágios com formas selvagens e bárbaras (OTTO, 2007, p. 45). Essa emoção que cresce e arrebatada, pode levar à coisas “boas” ou “ruins”, as boas se devem à evolução desse *numinoso* a um processo de racionalização, um enobrecimento ou refinamento que leva ao “Moral” e ao que é “Bom”, refinando o pensamento e sentimento para a crença em um único deus todo poderoso; já o aspecto ruim é selvagem e

demoníaco, mistério e temor que sempre vem do medo do fantasmagórico, típico das “sociedades primitivas”. Ou seja, o *numinoso* é algo irracional que pode ser sentido dentro de uma experiência religiosa, e que possui estágios, começando pelo “receio demoníaco” presente nos “homens primitivos”, que passam num processo de racionalização e moralização para uma manifestação do sagrado “bom” ou “santo” que se vê no cristianismo (Ibidem, p. 45, 48, 50 e 155).

No capítulo 17, que aborda o surgimento das religiões na história da humanidade, o autor parte do pré-suposto que as práticas de culto aos ancestrais, as forças da natureza, crença em espíritos dos mortos, feitiços, contos e mitos não são religiões, são uma *ante-sala* da “religião verdadeira”, porém já possuem o *numinoso* na forma rudimentar (Ibidem, p. 155). O alemão classifica os “homens primitivos” como ingênuos, compartilhando da ideia geral da época, de que indígenas e aborígenes são pessoas na infância da humanidade e que não conseguem racionalizar, portanto fantasiam (Ibidem, p. 156-157). Além de classificar muitas divindades árabes e hindus

como expressões do terror, dizendo que estas se aproximam do demônio e que nem ao menos possuem função social ou possuem um mito explicativo (Ibidem, p. 160), uma típica visão eurocêntrica, pois nota-se a sua influência cristã ao observar as outras religiões, as classificando como demoníacas e sabe-se que os mitos asiáticos são muito ricos e complexos, como outro autor, que abordaremos mais à frente, explicou amplamente, Mircea Eliade.

O alemão explicou que no fundo os *selvagens* possuíam uma noção de um deus supremo, discordando das hipóteses de que foi necessário que processos de migrações e ou de relações com religiões “mais elevadas” despertassem neles o monoteísmo. Disse: “O que é que levaria ‘selvagens’, em meio a um ambiente totalmente diferente, de bárbara superstição, a acolher esse imaginário ‘migrado’ e mantê-lo, se não houvesse em sua psique uma predisposição para tanto (...)” (Ibidem, p.167).

As bases conceituais e estruturas de pensamento que levam ao entendimento do que é o sagrado em Rudolf Otto

estão completamente mergulhadas no *eurocentrismo*, por mais que os editores das traduções da obra aparentemente tentem diminuir esse “aspecto” da obra; isto não funciona, pois tal coisa não é um aspecto e sim pilar fundamental de toda a estrutura teórica do autor. Além de críticas, discussões polêmicas e inacabadas sobre a eficiência do método fenomenológico utilizado (URSASKI, 2004, p.76). Por tanto, todo o cuidado ao utilizar esta obra como referencial teórico, é pouco.

b) O pai da Sociologia

David Émile Durkeim foi um sociólogo francês, nascido dentro de uma família judaica em 1858. Durkeim foi fortemente influenciado pelo positivismo de Comte e ao passar um tempo estudando na Alemanha, se encantou com os trabalhos de Wilhelm Wundt, um médico e psicólogo alemão. A Primeira Guerra Mundial e os conflitos políticos

nacionalistas na França afetaram muito o sociólogo que veio a falecer em 1917.

A obra de Durkeim chamada *As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália* foi um marco nas Ciências Sociais no século XX. O objetivo desta empreitada era o de tentar compreender o que faz uma religião ser religião e quais as causas da religiosidade entre os seres humanos. O francês, influenciado pelo empirismo alemão, acreditava que a etnografia era o melhor instrumento para conseguir compreender o comportamento de povos como, os nativos da Austrália ou da América do Norte, partindo da premissa que tais grupos humanos, afastados do turbilhão da modernidade, da complexidade das instituições religiosas judaico-cristãs e mulçumanas, poderiam fornecer informações sobre um suposto comportamento religioso elementar; nativos estes que nas palavras do autor seriam *primitivos* ou *bárbaros*. Podemos visualizar bem esta estrutura de pensamento no trecho:

Eis porque procuramos nos aproximar das origens. Não é que pretendemos atribuir às religiões inferiores virtudes particulares. Elas são, ao contrário, rudimentares e grosseiras; não se poderia, portanto, pensar em fazer delas espécies de modelos que as religiões ulteriores deveriam simplesmente ter reproduzido. Mas a própria simplicidade as torna instrutivas; porque elas constituem experiências cômodas onde os fatos e suas relações são mais fáceis de se perceber. (DURKHEIM, 2002, p. 37).

O sociólogo francês, por mais que criticasse muitos estudos sobre culturas e religiões demasiadamente generalistas, sem um estudo profundo e metódico, até de caráter teológico, ainda assim era limitado ao seu tempo e cultura. Devido a sua formação erudita, baseada nos estudos ocidentais clássicos e tendo vivido boa parte do século XIX, foi muito influenciado pelos pensamentos de linearidade histórica que destacamos anteriormente, portanto, é claramente expresso em sua obra o entendimento de que os australianos foram escolhidos para seu estudo por se tratarem de um povo que refletia os hábitos primordiais do comportamento social humano, acreditando que eram pessoas simples e que chegavam a ter um comportamento cultural quase homogêneo,

por não existir, supostamente, uma complexidade de crenças, abstração e tecnologia. Outra forte influência no pensamento do sociólogo foram os estudos biológicos, onde sempre tentou pautar seu raciocínio, demonstrando uma autoafirmação cientificista, comparando os seus estudos com as Ciências Naturais (DURKHEIM, 1989, p. 30-32).

Porém, muitas das suas observações foram de grande importância para o desenvolvimento dos estudos sobre religiões e religiosidade nas Ciências Sociais, uma das principais contribuições foi o estabelecimento de que a religião e o comportamento religioso são de origem social comunitária e que há muita diversidade cultural que serve de terreno para o desenvolvimento das religiões em determinadas épocas e lugares. Outro ponto fundamental foi o de reforçar a importância dos estudos etnográficos, mesmo que este não os tenha realizado diretamente, além de destacar a ideia de que não se deve partir do suposto que tal religião venha a ser falsa, pois para aquele que a vive ela é completamente real e verdadeira, que para a humanidade “primitiva”, num sentido

de humanidade arcaica, ou sociedades não complexas, as forças da natureza com suas deidades nada mais eram do que a eletricidade era para os físicos modernos (no julgamento do sociólogo).

As várias analogias e principalmente o sentido histórico dado na obra devem sempre ser lidos com muita atenção, deve-se compreender como o autor chegou até determinada conclusão ou hipótese, antes de utilizar as mesmas em referências teóricas. Um exemplo se dá na comparação dos australianos com os indígenas norte-americanos, onde o autor classificou estes últimos como “mais desenvolvidos” que os australianos, devido sua estrutura social, econômica e suas práticas totêmicas (Ibidem, p. 134). Ou seja, sua ideia de complexidade cultural é baseada num evolucionismo social, altamente criticado hodiernamente.

c) O romeno e as religiões do mundo

Mircea Eliade foi um romeno nascido em 1907, graduou-se em filosofia e história e se especializou nos estudos de religiões, um verdadeiro poliglota, estudou a fundo, no seu doutoramento, o complexo de crenças de matriz indiana que chamamos de hinduísmo, passando até a morar na Índia por um tempo. Eliade transitou por várias universidades e foi muito premiado por diversas delas, porém se estabeleceu na Universidade de Chicago, nos EUA, em 1956, onde permaneceu até seu falecimento em 1986. Como escritor fecundo que era, Eliade buscou realizar análises extensas sobre as diversas religiões do mundo, além de procurar estabelecer uma disciplina independente chamada de *História das Religiões*, algo que muitos outros intelectuais do século XX tentavam estabelecer como *estudos comparados das religiões* (SANT’ ANNA, PEREIRA, 2009, p.1-8).

Trataremos aqui da obra *Aspectos do Mito*, que é referência nos estudos de mitologias e religiões. Nesta obra, Eliade procurou estabelecer algumas estruturas de compreensão dos mitos e suas funções sociais. Tal obra possui

grande relevância nas Ciências da Religião ou Ciência das Religiões por abordar as cosmologias e aspectos sociais presentes nas diversas culturas, aspectos estes que são as bases elementares de qualquer religião, além de tentar estabelecer uma espécie de historicidade das religiões. E pelo mesmo motivo, como abordamos anteriormente, não devemos estudar tal obra deslocada de seu autor e o contexto espacial/temporal que este vivenciou ao longo de sua carreira.

Mircea Eliade estudou a fundo os clássicos da área como, Max Muller, Durkheim, Hume e vários outros, devido a sua formação como filósofo e historiador. Por mais que o romeno tenha tido diversas experiências em realidades periféricas, ou seja, fora do padrão europeu imperialista, este não deixou de carregar com sigilo valores eurocêntricos e evolucionistas, por mais que tenha tentado se distanciar deles algumas vezes, utilizando aspas em termos como *primitivo* para se distanciar das ideias racistas, dando a entender que o termo era utilizado para se referir a arcaico ou recuado no tempo, mas fica bem clara a sua percepção evolucionista logo

ao início do texto no primeiro capítulo onde esclarece a relevância de se estudar os mitos: “Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais em questão não é apenas explicar uma etapa na história do pensamento humano, é também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos.” (ELIADE, 2000. p.10). Logo em seguida demonstra como entende a evolução do pensamento mítico nas sociedades africanas: “Poder-se-á supor que o ‘comportamento mítico’ desaparecerá com a independência política das antigas colônias.” (Ibidem, p.11).

Também demonstra certa crença de que existe, de alguma forma, uma narrativa mítica original quando diz:

Tal como as Grandes Mitologias, que acabaram por ser transmitidas como textos escritos, também as mitologias “primitivas”, conhecidas pelos primeiros viajantes, missionários e etnógrafos no estado oral, têm uma “história”: por outras palavras, elas foram transformadas e enriquecidas ao longo dos tempos, sob a influência de outras culturas superiores ou graças ao gênio criador de certos indivíduos excepcionalmente dotados.

Todavia, é preferível começar pelo estudo do mito nas sociedades arcaicas e tradicionais e abordar mais tarde as mitologias dos povos que desempenharam um papel

importante na história. Isto porque, apesar das suas modificações ao longo do tempo, os mitos dos “primitivos” refletem ainda uma condição primordial. (Ibidem, p.12).

Como foi dito anteriormente, nem mesmo tendo vivido em regiões do mundo onde há fortes cicatrizes do imperialismo europeu, deixou de ter estruturas de pensamento eurocêntricas, existe muito julgamento de valor nas palavras do autor quando usa os termos “Grandes Mitologias”, “culturas superiores”, “condição primordial”, como fica nítido também em outro trecho da obra, com a expressão: “Encontramos concepções e rituais análogos entre as populações primitivas da Índia” (Ibidem, p. 27). Nota-se a visão evolucionista/progressista de humanidade ainda predominando na base das reflexões do autor.

Por mais que Eliade continue sendo uma grande referência, e seus méritos não diminuam, pois também ajudou a quebrar outros paradigmas preconceituosos como a crença de que os mitos seriam abstrações ou fantasias irrelevantes para as sociedades, as caracterizando como algo muito real para as

diversas culturas antigas ou contemporâneas, o europeu foi influenciado por sua própria cultura e suas referências teóricas. Portanto, não devemos deixar de nos preocuparmos com os detalhes de como determinadas concepções podem levar a estruturas teóricas com sérios “buracos” ou equívocos. No exemplo deste autor temos o aspecto que este pensou os mitos como algo comum às sociedades *primitivas*; deixando de lado os mitos das sociedades Ocidentais, industriais capitalistas, ou mesmo socialistas. Na redação de seu texto, transparece que os mitos do cristianismo não influenciaram as estruturas sociais modernas Ocidentais, dando a entender que estas são de fato secularizadas devido o desenvolvimento técnico-científico.

Considerações finais

Por volta dos anos de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a repensar os seus paradigmas de humanidade, civilização e ética. Com uma significativa participação de Lévi Strauss, no que diz respeito ao combate

ao *eurocentrismo*, estudos sobre os povos *selvagens*, *primitivos* ou *bárbaros* passam a ser repensados e publicados com apoio da Organização das Nações Unidas (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 59). O texto de Lévi Strauss, *Raça e História*, é uma ótima síntese que demonstra as influências eurocêntricas na produção científica e mesmo literária/artística presentes nas concepções de *civilização* e *superioridade racial*.

Mas muitas pessoas podem se perguntar, “então como diferenciar humano de animal?” ou “como podemos diferenciar o cultural do biológico?”. O antropólogo Clifford Geertz disse que a procura por aspectos universais do que seria “ser humano” são objetivos iluministas, ainda sendo um assunto muito complexo e sensível (GEERTZ, 2008, p.29-31), portanto ainda são discussões válidas, mas são necessárias novas reflexões que se afastem dos paradigmas iluministas, através do estudo profundo do particular e de uma forma histórica da natureza, no sentido de que não existe fronteira entre o *humano* e o *selvagem* ou do *natural* e o *cultural*, pois

as redes de eventos históricos e adaptações biológicas são tão complexas que partir do pensamento de que primeiramente a espécie *Homo* se desenvolveu fisiologicamente para depois surgir a cultura, é começar no erro. Ou seja, é necessário um entendimento de simultaneidade e diversidade, sem necessariamente cair em um relativismo cultural, além de entendermos que o uso do termo *humano* já é fruto de um processo cultural construído em cada grupo, como o autor exemplifica sobre o entendimento do que é “ser humano” para os javaneses (Ibidem, p. 32-38).

Não se está dizendo aqui que não deve-se usar os autores clássicos mencionados, e sim que é necessário um olhar mais cirúrgico no aporte teórico, um cuidado com as correntes ideológicas. Para se instrumentalizar contra tais “armadilhas” é interessante a leitura de algumas obras que refletem sobre essa influência eurocêntrica nas pesquisas acadêmicas. Podemos começar pelas obras citadas anteriormente, *Raça e História* de Lévi-Strauss; *A interpretação das culturas*, do antropólogo Clifford Geertz;

Orientalismo; Cultura e Imperialismo, as duas de Edward Said.

Outra obra interessante é *Eurocentrismo: crítica de uma ideologia*, de Samir Amin, que tenta explicar e criticar a influência eurocêntrica no mundo moderno e no marxismo. Para finalizar, também recomenda-se a leitura de pesquisas mais atualizadas sobre arqueologia e bioantropologia, principalmente quem pretende trabalhar com a temática de religiões antigas e ou práticas religiosas tradicionais indígenas. Todos esses autores foram questionados por outros, suas obras geraram muitas discussões e este tipo de questionamento se faz necessário, pois este é o propósito da ciência, é importante estar vigilante para estas concepções de mundo para se realizar uma produção acadêmica séria e crítica, do contrário, iremos continuar a reproduzir discursos que alimentam práticas de intolerância religiosa e étnica.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **Os Tempos da História: do tempo mítico às representações historiográficas do século XIX**. Revista Crítica Histórica, ano 01, nº2, 2010. Disponível em:

<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/72/OS%20TEMPOS%20DA%20HISTORIA.pdf> Acesso: 12/04/2015.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Eurocentrismo, História e História da África**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana- USP, nº 01, p. 46-63, 2008.

BARBOSA, Renata Cerqueira. A Inglaterra Vitoriana e os usos do passado: Literatura e Influências. In.: **Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"**, UNESP/Assis, 2007. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/renata.PDF> Acesso em: 13/06/2015.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CANDIDO, M. R. (Org.). **Memórias do Mediterrâneo Antigo**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2010. Disponível em: http://www.nea.uerj.br/publica/e-books/memorias_do_mediterraneo.pdf Acesso em: 20/06/2015.

CUNHA, Carneiro da et all. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

DIX, Steffan. **O que significa o estudo das religiões: uma disciplina monolítica ou interdisciplinar?** Revista lusófona de Ciência das Religiões – Ano VI, n. 11, p. 11-31. 2007.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Joaquim Pereira Neto, São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, [s/d], p.9-25, 2000.

FREITAS, Ludmila Gomides. **O conceito de bárbaro e seus usos nos diferentes projetos coloniais portugueses para os índios**. Seculum – Revista de História, nº24; , p. 125-138, João Pessoa, jan./ jun. 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HUME, David. **História natural da religião**. Trad. Jaimir Conte. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In.: **Os Pensadores**, Ed. Abril S.A. Cultura e Indústria, São Paulo, 1ª Edição, p. 51-94, 1976.

MELO E SOUZA, Laura de. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz, feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. Companhia das Letras, p. 21 -83, 2003.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Trad. Walter O. Shulupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PRAXEDES, Walter. **Eurocentrismo e racismo nos clássicos da filosofia e das ciências sociais.** Revista Espaço Acadêmico, nº 83, ano VII, Abril- 2008.

REBELO, Maria Raquel de G. D. P. **Entre a civilização e a selvajaria: os estereótipos do nativo americano e o selvagem de *Brave New World* de Aldous Huxley.** 1999. Dissertação (Mestrado) - Estudos Americanos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Cultura e Imperialismo.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANT'ANNA, Sabrina Mara; PEREIRA, Andreza Cristina Ivo. Mircea Eliade entre a fenomenologia e a história das religiões. In.: **Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?** Ouro Preto: Eudufop, p.01-08, 2009.

SCHORSKE, Carl. **Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, André Luiz Reis da. **A nova ordem europeia no século XIX: os efeitos da dupla revolução na história contemporânea.** Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 47, p. 11-24, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>

SILVA, Cleyton Tavares da Silveira. Entre os gregos e eles mesmos: um ensaio sobre identidade e alteridade em A República dos Lacedemônios de Xenofonte. In.: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH;** São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/130088962_6_ARQUIVO_TextoCompletoCleytonSilva.pdf Acesso em: 05/12/2015.

UGARTE, A. Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: **Os senhores dos rios da Amazônia, margens e história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

USARSKI, Frank. **Os Enganos sobre o Sagrado- Uma síntese da crítica ao Ramo “Clássico” da fenomenologia da Religião e seus conceitos-chave**. Revista de Estudos da Religião Nº 4, p. 73-95, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonialismo e Idolatrias: Cultura e resistência indígenas no mundo colonial ibérico**. Revista Brasileira de História, ANPUH, Editora Marco Zero, vol. 11, nº 21, p. 101- 124,1990.

VOLTAIRE, F. M. A. **Dicionário Filosófico**. Trad. Pietro Nassetti, Editora Martin Clarett Ltda – São Paulo, 2008.

NOTAS

ⁱ Cf. documento de ação civil pública: <http://s.conjur.com.br/dl/decisao-negou-retirada-videos.pdf>

ⁱⁱ Documento do MPF: <http://s.conjur.com.br/dl/agravo-instrumento-interposto-mpf-rj.pdf>

ⁱⁱⁱ Segundo CUNHA (1992, p. 12-13) o termo contato não passa de um “eufemismo envergonhado”, por isso deve-se utilizar o termo conquista no sentido de que houve sim imposição de poder através da violência e política, houve escravidão e extermínio de muitos grupos indígenas. Porém isto não quer dizer que os indígenas não foram agentes de sua história e o ainda são, e nem que devam ser vistos apenas na posição de resistência; não atribuindo a ideia de que foram responsáveis pelo seu destino de sofrimento, longe disto.

^{iv} Ritos ou cerimônias onde um prisioneiro de guerra era executado e comido para fins simbólicos. Muito comum em grupos indígenas como os Tupinambás.

Recebido em: 08/03/2017.

Aprovado em: 21/04/2017.

Publicado em: 28/08/2017.